

12688 - Assessoria técnica social em assentamento do sertão do Pajeú: um relato de experiência em Serra Talhada/PE

Social technical advice on settlement at the interior of Pajeú: a report of an experience at Serra Talhada / PE

ARRUDA, Josuel Salvador de¹; SILVA, José Nunes da²; QUEIROZ, Paula Vanessa Mesquita³; VALDEVINO, Maria de Fátima⁴

1 GEAC-UFRPE, josuel.s22@gmail.com; 2, DED/NAC-UFRPE, nunes@ded.ufrpe.br; 3 NAC-GEAC/UFRPE, paulavanessamq@gmail.com;
4 UAST/UFRPE, fatimabelha@hotmail.com

Resumo: A experiência que estamos relatando se desenvolveu no Projeto de Assentamento Paulista, localizado no município de Serra Talhada, como parte de atividades de assessoria técnica social, executadas pela Cooperativa de Habitação Nossa Casa, conforme termo de parceria com o INCRA-SR 29, no período de maio a agosto de 2010, paralelo ao processo de construção das Unidades Habitacionais. Em sincronia com as obras físicas, adotou-se um enfoque interdisciplinar na perspectiva da participação e controle social da comunidade, estimulando a contribuição de cada participante em coletivo, onde os momentos teórico-reflexivos e práticos buscaram por meio de dinâmicas, sintonia com o cotidiano e o convívio social das famílias assentadas.

Palavras-Chave: Agroecologia; Assessoria Técnica Social.

Contexto

A propriedade fica a 70 km da sede de Serra Talhada, e tornou-se assentamento em 02 de Agosto de 2005, tendo hoje 25 famílias. O Projeto de Assentamento (PA) possui uma associação desde 2005. O PA tem uma população de aproximadamente 130 pessoas, de forma equiparada em relação a homens e mulheres. A pecuária ocupa pequeno espaço, as principais atividades produtivas são as culturas anuais, tais como, milho, feijão e abóbora. O dia a dia alimentar é restrito a um cardápio mínimo, geralmente contendo apenas alguns alimentos básicos, como feijão ou fava, farinha e esporadicamente um tipo de carne e arroz. Não existe infra-estrutura escolar, as aulas ocorrem numa única sala para todas as séries da educação básica e uma única professora. Quem está no ensino fundamental ou médio, precisa se deslocar até a sede do município ou ao distrito mais próximo, que fica aproximadamente 30 km, deslocamento feito por caminhão “pau de arara”, oferecendo um grande risco à vida dos estudantes. O PA não conta com posto de saúde, os assentados precisam se deslocar para sede do município de Serra Talhada ou Floresta. Os casos de urgência correm um grande risco de óbito, considerando que não existe transporte no assentamento, exceto os caminhões em dia de feira ou que fazem o transporte escolar. Até o início desse projeto as residências eram de taipa, hoje, já foram entregues as 25 casas, de alvenaria. Como não possuem água encanada; as famílias usam água de poços feitos no rio Pajeú. Ainda não foi realizado um estudo sobre a qualidade da água consumida no PA, mas existem indícios que a água consumida é imprópria para o consumo humano. Não existe serviço de coleta de lixo, geralmente é depositado nas proximidades das residências a céu aberto e depois queimado.

Diante do exposto, o projeto objetivou estimular a mobilização e participação social das famílias assentadas, baseado na premissa de que o processo de construção coletiva de suas moradias criaria condições de promover uma melhor adequação das intervenções necessárias no PA às reais demandas; bem como, refletir de forma sobre as questões sociais e ambientais, por meio de atividades socioeducativas contribuindo assim, de forma ativa, na construção e exercício da cidadania, para os quais, os princípios da agroecologia têm contribuição importante.

Descrição da experiência

Numa perspectiva holística, buscou-se fortalecer a importância e necessidade da participação comunitária nas intervenções necessárias para atender as suas demandas, contribuindo de forma significativa com o desenvolvimento sustentável do assentamento. Empregou-se a abordagem metodológica do construtivismo, no sentido de reforçar ainda mais a integração dos conhecimentos, articulando e adequando os conteúdos o mais próximo dos participantes. Foram eleitos métodos abertos, envolventes e apropriados de construção multilateral do saber, procurando despertar o desejo pelo aprendizado, o que torna a evolução do conhecimento como algo prazeroso, dinâmico e inerente à vida de cada um, focalizando as famílias na sua realidade histórica, social, cultural e ambiental, visando contribuir com a formação de pessoas aptas a exercerem ativamente sua cidadania.

As ações do Projeto Técnico Social (PTS) iniciaram em maio de 2010. Ocorreram reuniões com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serra Talhada, com as famílias no PA Paulista, e demais parceiros, de forma sistemática; tendo como objetivo utilizar esses momentos como espaços de articulação, pesquisa, problematização e coleta de dados. A fim de conhecer mais da realidade do PA, e junto com as famílias realizar um pré-diagnóstico social, econômico e ambiental, onde as famílias se colocassem e contribuíssem, participando assim, efetivamente desde o planejamento até a execução das ações. Na fase de execução, realizamos roda de diálogo com homens, mulheres e crianças, o que foi bastante interessante pois fomos “pincelando” cada tema (gênero, esporte e lazer enquanto direito social, infância e juventude, meio ambiente, geração de trabalho e renda, outros), fazendo com que os participantes tivessem a oportunidade de se manifestar dentro do coletivo. Tínhamos como propósito sentir um pouco as expectativas, os anseios e as percepções das famílias sobre alguns temas que são sugeridos no projeto, mas que vão muito, além disso, pois estão no cotidiano dessas famílias. No mês de junho, acordamos em reunião, que estaríamos iniciando as atividades sistemáticas com as mulheres e as crianças, considerando que os trabalhos na construção das Unidades Habitacionais estavam em processo bastante acelerado, e que a comunidade estava muito envolvida, inclusive nos serviços da construção. Realizamos oficinas de Arte Educação Ambiental; Confecção de Sabonetes Artesanais – fito cosmético a base de mel e plantas (alecrim, erva-doce, linhaça, aveia, camomila, outros); confecção de caixas artesanais. Assim, considerando e respeitando o ritmo e o dia a dia da comunidade, e de acordo com os princípios da educação popular e da agroecologia, buscamos intervir a partir do cotidiano da comunidade, construindo de fato um trabalho junto com as famílias. Quanto à avaliação, foi de forma oral, onde algumas mulheres se colocaram de forma bastante positiva, destacando a sensação de “superação” – *“eu achava que não ia conseguir fazer nada, agora eu sei que eu posso”* – fala de uma

assentada em relação à oficina de confecção de sabonetes artesanais. Dentro dessa oficina, trabalhamos de forma transversal, contribuindo, sobretudo na elevação da autoestima das mulheres e suas respectivas famílias. No mês seguinte desenvolvemos oficinas de confecção de caixinhas/embalagens de papel, decopagem, pintura e decoração de cestas e caixinhas de madeira. A produção destas embalagens em conjunto com outros produtos, como o sabonete, mel de abelha, doces, entre outros, valoriza e agrega valor ao produto. Em agosto, conseguimos consolidar uma parceria com a Casa dos Artesãos de Serra Talhada, onde fizemos a inscrição do grupo de mulheres do PA como artesãs e também garantimos um espaço na Casa dos Artesãos, para expor os trabalhos que estão sendo produzidos. Articulamos com a Casa dos Artesãos de Serra Talhada, uma palestra sobre trabalho e renda, que aconteceu na casa (latada/terraço) de uma assentada. A atividade foi muito rica, porque a partir de relatos de experiências conseguimos relacionar as informações e os conhecimentos tanto para o artesanato quanto para as atividades agropecuárias, e consequentemente estimular e descobrir novas habilidades entre os assentados. Outra atividade que destacamos, foi a oficina de crochê, que também aconteceu no mês de agosto. O foco da oficina seria a valorização do artesanato e geração de renda. Porém, devido à boa participação de assentados do sexo masculino na oficina, como já havia acontecido com as oficinas de confecção de sabonetes, discutimos e refletimos coletivamente mais uma vez sobre questões de gênero.

Com o grupo de crianças do assentamento, podemos destacar uma reunião que aconteceu no campo de futebol, que fica no meio da caatinga, próximo ao local que foi construída a agrovila. Neste encontro discutimos o “Esporte e Lazer enquanto Direito Social”, considerando inclusive, que as oportunidades de acesso ao esporte e lazer são bastante limitadas. Vale ressaltar também, que a discussão de gênero faz-se pertinente praticamente em todas as discussões, e que apesar de pouco tempo do trabalho, conseguimos chamar a atenção das crianças para isso. Depois de refletir sobre algumas questões, tiramos como encaminhamento escolher uma atividade esportiva e construir uma dinâmica de vivência. A atividade eleita foi uma vivência de futebol, com uma dinâmica diferenciada, onde todo o processo seria discutido e encaminhado pelo grupo, desde a construção das barras e adequação do campo, até mesmo as regras do jogo. Para isso, elegemos comissões de trabalho envolvendo inclusive as meninas, que no momento inicial, estavam sendo “dispensadas” pelos meninos, sob o discurso que elas não sabiam jogar futebol. Foram realizadas também oficinas de arte educação ambiental, onde refletimos sobre questões ambientais, sobretudo, pertinentes ao cotidiano das famílias, utilizando resíduos encontrados no entorno das casas, e transformando estes em brinquedos. Outra vivência marcou bastante foi uma coleta de lixo que realizamos com as crianças no Rio Pajéu, vale salientar, que não foi uma atividade agendada, surgiu a partir de um banho que estavam tomando.

Resultados

No campo político, podemos destacar como um dos principais desafios, os aspectos referentes à organização política e social das famílias assentadas, que apresentavam algumas deficiências quanto à compreensão de princípios e valores do associativismo, cooperativismo, percepção da importância do trabalho coletivo, cooperação e principalmente sobre o papel de cada assentado dentro desse processo. A falta de uma leitura política mais profunda sobre o processo de reforma agrária atrapalha um pouco o

desenvolvimento visto que os projetos de assentamento visam acima de tudo, o desenvolvimento de cada assentado, por meio de estratégias coletivas.

No que se refere aos procedimentos metodológicos e pedagógicos, conseguimos, em conversas informais com os assentados, perceber reflexos do que estávamos refletindo e trabalhando, como a intergeracionalidade e integração entre famílias durante as atividades. Sentimos que às vezes não conseguimos mensurar sistematicamente, mas a partir de um olhar carregado da sensibilidade que Paulo Freire tanto propunha aos educadores. Uma prática fundamental para o êxito e eficiência do PTS, foi o envolvimento da comunidade desde o planejamento, até a execução e avaliação de cada atividade. E a partir das falas, fomos identificando as deficiências e buscando melhorá-las para os próximos encontros.

Apesar de relatar essa experiência positiva, no ponto de vista pedagógico, vale salientar, as péssimas condições de estruturais que dispõem a maioria dos assentamentos no Brasil; bem como a pouca atenção que ainda que os governos (federal, estadual e municipal) pautam a reforma agrária. Em síntese, podemos concluir que nesse momento o maior resultado foi sentir a capacidade que as comunidades, quando estimuladas, constroem estratégias para solucionar suas necessidades. Ressaltamos também, a necessidade de compromisso político e social que os profissionais que trabalham com ATES/ATER precisam ter, para que de fato contribuam efetivamente com o desenvolvimento sustentável dos assentamentos.

Agradecimentos

Agradecemos a todos e todas que contribuíram com o desenvolvimento deste trabalho, e em especial, a toda comunidade do PA Paulista.